

O SOFRIMENTO PURIFICA? UM ESTUDO BÍBLICO DE SALMO 6

  José Ancelmo Santos Dantas¹

RESUMO

Os Salmos guardam em sua tradição literária a memória viva de um povo – no caso, essas pessoas viveram no Antigo Israel. Leram a vida cotidiana de modo único. Em suas preces, poetizavam e, ao fazê-lo, teciam na sua cultura histórias que, logo cedo, se tornaram literaturas. Salmo 6 é um belo poema lírico! Gestado na simplicidade da vida e considerado de caráter penitencial, sua temática canta a dor de alguém que sofre. A pessoa que nele medita ou canta ora sente a doença como seu inimigo principal (v. 3c-d), ora percebe que inimigos são os malfeitores e, estes, ao que parece, estão à sua volta (v. 9a). Esta aventura possibilitará ao leitor conhecer o mundo hermenêutico presente na literatura dos Salmos. De igual modo, fá-lo-á compreender que a dor, causa do lamento cotidiano, tem seu lado adulto, e, unido ao Senhor, Deus de Israel, poderá amadurecer quem ainda se encontra a caminho.

Palavras-chave: Salmos. Salmos penitenciais. Dor. Perdão.

ABSTRACT

The Psalms keep, in their literary tradition, the living memory of a people. In case, this people lived in Ancient Israel. They read everyday life in a unique way. By praying, they poetized and, by doing so, wove stories into the culture of their people that soon became literature. Psalm 6 is a beautiful lyric! Gested in the simplicity of life and considered as penitential in character, its theme sings the pain of someone who suffers. The praying person who prays or sings in it, sometimes feels the disease as his main enemy (v. 3c-d), sometimes realizes that enemies are the evildoers and, it seems, they are around him (v. 9a). This adventure will allow the reader to know the hermeneutic world present in the literature of the Psalms. Likewise, it will make him understand that the pain, the cause of daily lamentation, has its adult side and, united with the Lord, God of Israel, he will be able to mature, who is still on the way.

Keywords: Psalm. Penitential psalms. Pain. Forgiveness.

¹ Doutorando e Mestre em Exegese e Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Submissão: 09/2023

Aceite: 12/2024

***Autor correspondente:**

ancelmo_dantas@outlook.com

Como citar

DANTAS, J. A. S. O sofrimento purifica? Um estudo bíblico de salmo 6. **Práxis Teológica**, volume 20, número 1, e-1719, 2024. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2024v20n1.e1719>.



INTRODUÇÃO

Os Salmos que compõem a coleção dos penitenciais são Sl 32, 38, 51, 102, 130 e 143, e, anterior a esses, encontra-se o Salmo 6, objeto de nosso estudo. Embora classificado por hino ou cântico penitencial, não disserta, com precisão hermenêutica e literária, “o motivo da penitência” (WEISER, 1997, p. 90). Quem aqui canta ou ora/reza usa diversos instrumentais por meio dos quais o lamento – de ingênuo e antigo, em princípio – ganha em qualidade poética. Além do mais: de uma doença individual-pessoal, passa-se, ao que parece, a uma prece penitencial-coletiva¹.

Deve-se admitir que o Israel Antigo, com sua vasta cultura, deixou um legado para a humanidade. Como não lembrar, por exemplo, os 150 poemas líricos rezados e/ou cantados até hoje nas diversas comunidades cristãs? Chamam-se de hinos ou cânticos esses memoráveis poemas. De um lado, são literários “porque o texto é uma composição artística” e contém uma “linguagem de forma planejada” (GRENZER, 2010, p. 441). A reflexão teológica com seus “antropomorfismos” ora fala sobre “Deus”, ora sobre “Deus e o homem”, convidando este último a ter “confiança em Deus”, ora alude ao “Templo e ao Culto”, quer por meio de uma súplica “individual, quer coletiva” (BALLARINI; REALI, 1985, p. 96).

De outro lado, os Salmos atingem a espinha dorsal da ecologia! Isso significa que neles fala-se, também, sobre “terra”, “água”, “animais”, “vegetais”, “frutos” e “metais preciosos”². A hermenêutica ecoteológica vigente não diminui nem apequena o legado outrora em vigor, acerca de uma antropologia humana, a partir dos Salmos. Seja dito que, para um vasto conteúdo a respeito desse tema. Inúmeras vezes, quem canta ou reza nos Salmos tece elogio ou lamento sobre os olhos, a boca, as mãos, os pés, os braços e até o coração humano. No entanto, estudos avançados se propõem a dialogar com base em uma hermenêutica ecoteológica, de maneira que, por meio desse instrumental reflexivo, o ser humano imagine Deus, ao elaborar uma reflexão sobre Ele e, assim, contribua, para a comunidade que reza, ora e/ou canta.

Assim, quando em Salmo 6 o poeta lamenta ou tece uma súplica com relação a sua dor, tal temática em nada contradiz as demais. Quem ora e/ou canta, no caso dos poemas líricos presente nos 150 salmos, é o homem em sua realidade concreta. Ao que parece, em Salmo 6 há uma “tipologia de lamento” (SIQUEIRA, 2020, p. 63). Esta, uma vez desenvolvida, se propõe a fotografar a dor de um homem que, em específico, vê o Senhor, Deus de Israel, como um “educador” (A BÍBLIA..., 2017, p. 19), a fim de trazer à luz a estreita relação existente entre o “culto e os problemas do dia a dia” (SIQUEIRA, 2020, p. 63). Ora, se o Senhor, Deus de Israel, é pensado como tal, certamente o ouvinte-leitor encontra-se ansioso para saber qual a pedagogia usada no decorrer do ritmo em questão.

¹ Cf. BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. *A poética hebraica e os Salmos*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 68.

² Quando a temática é ecoteologia, cf. as seguintes pesquisas: GRENZER, Matthias; RAMOS, Marivan Soares. “Águas nos Salmos: elementos para uma ecoespiritualidade”, *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 80, n. 317, p. 750-763, 2020. GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. “Árvores nos Salmos: Elementos para uma educação espiritual e ambiental”. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 439-456, maio/ago. 2021. GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. “Pássaros nos Salmos: Elementos para uma ecoespiritualidade”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 82, n. 321, p. 115-129, 2022. GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. “A bondade de Deus no templo e na natureza: as dimensões socioambientais no Salmo 65”. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 38, n. 1, p. 171-196, 2023.

Portanto, esta leitura pode apurar o seguinte entendimento: é perfeitamente possível ir a Deus, estar e somente Nele fixar os olhos, mesmo quando se “está desfalecido (מתעלף) (v. 3b)”³; quando os “ossos estão assustados (עצמות מפחדות) (v. 3d)”⁴; e, por fim, quando “a alma muito se apavora (הנשמה מבועתה) (v. 4a)”⁵. Portanto, “a alma, os olhos e os ossos”³ guardem com fidelidade a melodia desse corpo que padece e sofre.

APRESENTAÇÃO DO POEMA⁴

- (v. 1) Para o dirigente. Com instrumentos de corda. Sobre a oitava. Salmo de Davi⁵.
- (v. 2a) SENHOR, não me repreendas com tua ira
- (v. 2b) e não me corrijas com tua fúria!
- (v. 3a) Sê misericordioso comigo, SENHOR,
- (v. 3b) porque eu estou desfalecido!
- (v. 3c) Cura-me, SENHOR,
- (v. 3d) porque meus ossos se apavoram!
- (v. 4a) Minha alma muito se apavora.
- (v. 4b) E tu, SENHOR, até quando?
- (v. 5a) Restaura, SENHOR! Livra minha alma!
- (v. 5b) Salva-me por causa de tua lealdade,
- (v. 6a) porque na morte não existe memória de ti!
- (v. 6b) Quem te agradecerá no mundo inferior?
- (v. 7a) Fico cansado com meu gemido.
- (v. 7b) A noite inteira inundo meu leito com pranto,
- (v. 7c) dissolvo minha cama.
- (v. 8a) Meu olho se consumiu de aborrecimento,
- (v. 8b) enfraqueceu-se entre todos os meus agressores.
- (v. 9a) Afastai-vos de mim, malfeitores todos,
- (v. 9b) porque o SENHOR escutou o som de meu choro!
- (v. 10a) O SENHOR escutou minha súplica,
- (v. 10b) o SENHOR aceita minha oração.
- (v. 11a) Que todos os meus inimigos se envergonhem e fiquem muito apavorados;
- (v. 11b) que voltem atrás, que se envergonhem num instante!

Seja observado que o orante, ao expor inicialmente seu lamento, por temer sofrer de dor, coloca como centro da súplica ou prece o SENHOR, que é Deus de Israel. Este encontra-se como

³ Cf. RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi: Commento e attualizzazione*. Roma: EDB, 1984, p. 8.

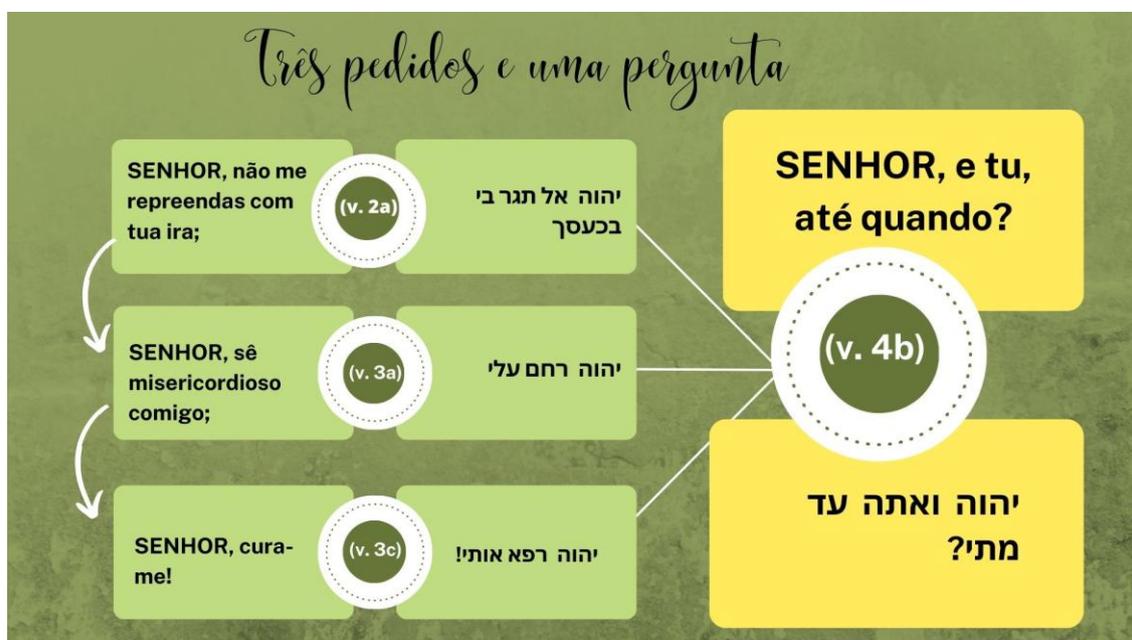
⁴ A tradução do presente Salmo pode-se encontrar em: *A Bíblia – Salmos*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 19-20.

⁵ Sobre a questão da autoria de Davi em diversos salmos, cf. DANTAS, José Ancelmo Santos; SANTOS, Rafael Rocha dos. O pecado de Davi. Um estudo bíblico de (Sl 51). *Revista Reflexus*, v. 17, n. 1, p. 235-247, 2023.

epicentro do lamento em questão. Cantado é o SENHOR nos versículos 2a, 3a, 3c, 4b, 5a, 9b, 10a e 10b, ou seja, por oito vezes Seu nome é lembrado, ora por meio de uma petição (vv. 2a, 3a e 3c), ora por meio de uma pergunta (v. 4b), em dado momento lembra-se do SENHOR quando envia-lhe uma ordem (v. 4b), e, por fim, ao sentir-se seguro, do SENHOR não se esquece ao ter a certeza de que Nele poderá confiar (vv. 9b, 10a e 10b). Ou seja, o leitor ou ouvinte tem diante de si um poema no qual as ondas da emoção e do sentimento envolvem o ser humano por completo. E, ao que parece, artisticamente, esse mosaico foi montado, tendo como arquitetura três pedidos, uma pergunta, uma ordem e três certezas.

Nessa primeira parte – composta por três pedidos e uma pergunta (Figura 1) – o ouvinte/leitor se dará conta de que fato o “SENHOR (יהוה) (vv. 2a, 3a, 3c, 4b, 5a, 9b, 10a e 10b)” cujo nome é cantado oito vezes – conforme citado acima –, além de habitar em toda a estrutura literária desse poema lírico, acompanha o poeta que canta sua dor.

Figura 1 – Três pedidos e uma pergunta



Fonte: elaborada pelo autor.

Vejamos: em cada prece (vv. 2a, 3a e 3c) elaborada, o conteúdo dela tem como destino o “SENHOR (יהוה)”. Além do mais, cada uma encaminha-se para o horizonte, cujo eixo reflexivo é a pergunta cunhada artisticamente no versículo 4b. Imagina-se, desse modo, que a prece do crente que canta ou reza tem como núcleo o próprio “SENHOR (יהוה)”, que é Deus de Israel, e como norte fundante, a pergunta (v. 4b). Vale lembrar que esta última é endereçada ao próprio “SENHOR(יהוה)”.

Portanto, ao apresentarmos uma primeira imagem, cuja temática mostra-se sob o córtex penitencial, é importante ressaltar que o lamento cantado e a dor sentida não são artisticamente projetados ao acaso. Eles têm como método a lógica do pedido, mas como horizonte, o esteio da pergunta, e, em tudo, seja dito, mais uma vez está o “SENHOR(יהוה)”, que é Deus de Israel.

Na segunda parte do poema lírico, observa-se uma ordem (v. 5a) que se endereça e se relaciona a três certezas, conforme versículos 9b, 10a e 10b (Figura 2). Na primeira parte, isto é, três preces (vv. 2a, 3a e 3c) e uma pergunta (v. 4b) são os pedidos que se destinam à pergunta. Aqui, no entanto, é a ordem (v. 5a) que se destina para as três certezas (v. 9b.10a.10b). Semelhante modo foi verificado na primeira parte, em que a pergunta estava como causa fundante, e agora, nesta última, a incumbência literária de ser causa recai sobre a ordem, e, partir desta, nascem três certezas. Imagina-se que fé e confiança se unem durante a assembleia que reza unida!

Figura 2 – Uma ordem e três certezas



Fonte: elaborada pelo autor.

Salmo 6 é uma singular obra de arte. Ao que parece, de um lado, o lamento cantado era parte constitutiva do culto celebrado, mas, de outro, a confiança no Senhor fez nascer certezas (vv. 9b, 10a e 10b). Fato é que desde o início o poeta sabe que é justa a “repreensão (לְנִזְוֶה)” (v. 2a), mas, apenas pede que seja feita com ausência da “ira (כּוֹעֵס)” (v. 2a) divina. Portanto, teologicamente, talvez seja um bom caminho reflexivo a seguinte proposta: não à ira divina (vv. 2a-4b); não há vida na morte (vv. 5a-8b); e não aos malfeitores (vv. 9a-11c).

NÃO À IRA DIVINA (VV. 2A-4B)

Sabe-se que os Salmos 6, 38, 51, 102, 130 e 143 formam a família dos penitenciais. Dentre eles, cinco poemas são iniciados com a mesma moldura literária, no sentido de pedir algo ao Senhor. Dessa feita, os Salmos 6, 38, 102, 130 e 143 bradam estilisticamente a dor de quem nele medita ou

canta com o mesmo tom musical. Nos dois primeiros versos (Sl 6,2; 38,2) há uma sinfônica gramatical invejável; no terceiro, quinto e sexto, mais um mosaico é desenhado, dessa vez com uma pequena diferença: em Salmo 130,2 o orante pede ao Senhor para escutar a voz dele, já nos Salmos 102,2 e 143,1 pede-se ao Senhor para escutar a oração dele. Em todo caso, o ouvinte/leitor encontra-se diante de três petições bastante objetivas e semelhantes; no quarto verso (Sl 51,3), o tetragrama é silenciado e dá espaço a “Elohim (אלוהים)”, além de existir a admissão da fraqueza davídica. A Figura 3 detalha esses cenários.

Figura 3 – Indicações de moldura literária semelhantes.

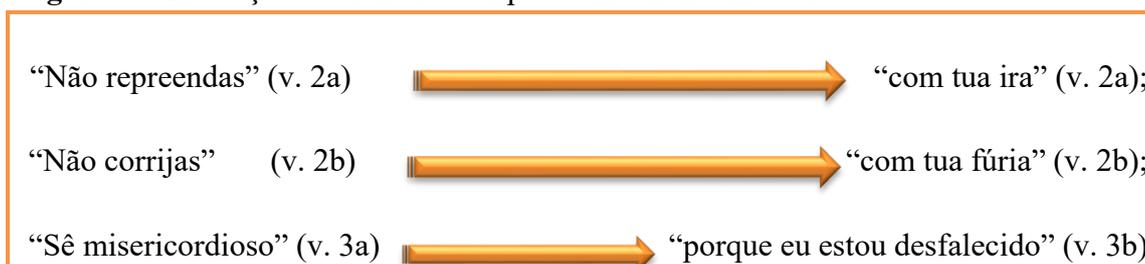
(Sl 6,2) – SENHOR não me repreendas com tua ira;	(יהוה, אל תגר בי בכעסך);
(Sl 38,2) – SENHOR, não me repreendas em tua ira;	(יהוה, אל תגר בי בחמתך);
(Sl 102,2) – SENHOR, escuta minha oração;	(יהוה שומע תפילתי);
(Sl 130,2) – SENHOR, escuta minha voz;	(שומע יהוה בקולי);
(Sl 143,1) – SENHOR, escuta minha oração;	(יהוה שומע תפילתי);
(Sl 51,3) – Ó Deus, tem misericórdia de mim, porque sou fraco;	(הוה ר'רחם עלי כי חלש אני);

Fonte: Elaborada pelo autor.

Importa destacar também que essa linguagem ou lamento é usada ora em vista de um pecado cometido, ora por causa do sofrimento em que se vive, ora, ainda, por causa do perigo que se vislumbra. Muito provável que Salmo 6 refira-se, momentaneamente, ao sofrimento, no sentido de doença⁶, uma vez que nos versículos 3c e 3d é dito: “Cura-me, Senhor, porque meus ossos se apavoram”. Ao que parece, o penitente se apavora e se desespera pelo fato de sentir que “encontra-se desfalecido” (v. 3b), “sua alma muito se apavora” (v. 4a) porque sente a vida lhe escapar; ou seja, se falta no ser humano respiração, então significa que seu fim também se aproxima. Logo, o que resta ao poeta fazer é pedir ao “Senhor, que não o repreendas com a ira Dele” (v. 2a) e que “não o corrijas com a fúria Dele” (v. 2b). São, portanto, “duas petições negativas” (ROSS, 2012, p. 5) que apontam para o cometimento de um pecado, como acredita esse autor? Ou duas petições negativas tendo como base a doença que cerca o orante?

É preciso observar ainda o modo como o poeta trabalha com alguns vocábulos nessa pequena unidade lírica nos versículos 2a e 4b. Em ambos, a informação hermenêutica é passada no curso do próprio verseto, isto é, sintaticamente há frases com sentido completo em um mesmo verseto. O mesmo não ocorre nos versículos 3a e 3b. No primeiro, é dito “Sê misericordioso comigo, Senhor”, e o complemento vem em seguida no versículo 3b: “porque estou desfalecido”. A Figura 4 ilustra essa questão.

Figura 4 – Indicações de sentido completo em um mesmo verseto.



Fonte: elaborada pelo autor.

Além do mais, nos dois primeiros versetos (v. 2a-b) tem-se a impressão de uma imagem de cunho sapiencial. Os verbos “repreender (רָצַח)” e “corrigir (רָפַח)”, ao que parece, fazem parte do processo de instrução na cultura do Israel bíblico. “O ouvido que escuta repreensões salutares terá seu lugar no meio dos sábios” (Pr 15,31). Pois, “quem rejeita a correção odeia-se a si mesmo; quem atende às repreensões é dono de seu coração” (Pr 15,32). Compete ao sábio ensinar e instruir, e, quando necessário, repreender e corrigir. Nesse caso, em específico, a poesia impõe medo, por parte de quem a reza e/ou a canta, pelo fato de sofrer repreensão e correção por parte do Senhor.

Já no verseto posterior (vv. 3a-b) ouve-se ou lê-se: “Sê misericordioso comigo, Senhor, porque eu estou desfalecido”. Inicialmente seja dito que “o significado básico da expressão sê misericordioso,

⁶ Hans Walter Wolff, em sua clássica obra *Antropologia do Antigo Testamento*, trabalha pormenorizadamente nas páginas 223-231 a doença e a cura nas Escrituras.

aponta para mostrar um favor; e em todos os seus usos o favor não é merecido”⁷. Pois quem reza ou canta sabe que merece castigo, embora almeje por um favor. Em seguida, no versículo 3b “porque eu estou desfalecido” ou “doente”, ou “fraco” vem do vocábulo hebraico “*malal*”, que indica murchar, secar, desfalecer. Essa imagem é empregada pelo profeta Isaías, no mundo vegetal, ou seja, quando as plantas são danificadas: “o vinho novo se lamenta, a videira murchou, agora gemem os que estavam de coração alegre” (Is 24,7). O mesmo se dá com os campos por ocasião de uma seca: “estão abandonados os campos de Hesebon e a vinha de Sábama” (Is 16,8).

No estudo em questão, o uso dessa palavra se aplica a “uma pessoa doente, cuja força está murcha e desapareceu” (ESTUDO DE..., 2015). Quer dizer, ao que parece, o uso das imagens em diversos momentos, nos textos bíblicos, tem força metonímica. Em todo caso, o estado de debilidade física vivido por quem aqui reza ou canta certamente ultrapassa os limites do corpo. A depender do modo como se entende e se vive a dor, esta abala e desestabiliza até a saúde mental.

No versículo 3c surge um grito impactante, “Cura-me, Senhor”, cuja causa é apresentada no versículo 3d, “porque meus ossos se apavoram”. Vejamos que, em geral, os ossos⁸ são para o corpo força e estrutura. Quando o orante pede cura, pelo fato de sentir seus ossos se apavorarem ou se irritarem, muito provável sente suas forças irem embora. O versículo 4^a até ratifica isso: “minha alma muito se apavora”. De um lado, o grito pela cura dá-se pelo fato de saber que sempre poderá confiar no Senhor, já que não há a quem mais recorrer. De outro, sente perder a vida, primeiro pela instabilidade detectada nos ossos e, depois, pela instabilidade de sua alma. Tamanho é o seu estado de dor e prostração, que sente sua alma, isto é, sua respiração⁹ faltar; afinal, “com as lágrimas que saem de rios, de fontes interiores, as forças abandonam o corpo e, com os estertores da garganta, a vida se vai (Sl 31,11; 42,4; 116,8; 126,5; Lm 2,11)” (WOLFF, 2008, p. 226).

Dito de outro modo, os ossos são o habitat da dor física, “concentrador de estado geral do sofrimento do organismo” (RAVASI, 1984, p. 8); no saltério há um conjunto de poemas que cantam essa temática (Sl 22,15.18; 32,3; 34,21; 35,10; 38,4; 101,6). Imagina-se que os ossos pensados como estrutura de “sustentação da basar” tremem e revelam simbolicamente que “todo o ser psicossomático do salmista também estremece” (DELLAZARI, 2006).

Até que no versículo 4b chega-se, provavelmente, ao fim da primeira unidade literária dessa estrutura poética, em que se diz: “E tu, Senhor, até quando?”. O temor sentido negativamente no versículo 2a, ratificado em 2b e prolongado em 3a-b deixa claro para o ouvinte/leitor que esse lamento ou dor pertence a quem reza e/ou canta. Aliás, no versículo 3b diz-se “*ani*”, quer dizer, o pronome “eu”, portanto o dilema pertence a quem o canta ou reza. Mas, para a surpresa do ouvinte/leitor, em 4b muda-se o pronome, “*ata*”, ou seja, “tu”. O poema nessa estrofe começou com “o pronome eu, mas terminou com o pronome tu”¹⁰; na terceira e última estrofe (vv. 9a-11c), o pronome será “*hem*”,

⁷ Cf. ROSS, Allen P. *A Commentary on the Psalms*, 2012, p. 5.

⁸ Bíblicamente funciona bem consultar esse breve esquema: em Salmo 6, 3d tem-se: “ossos apavorados”; em Salmo 22,15a, “ossos separados”; em Salmo 22,18a, “ossos contados”; em Salmo 32,3a, “ossos desgastados”; em Salmo 38,4b, “ossos doentios”; em Salmo 102, 6b, “ossos à vista”.

⁹ Sobre essa temática, conferir DANTAS, José Ancelmo Santos. “Criação, migração e injustiça – um ensaio ecoteológico e literário de Sl 42-43”. *Estudos Bíblicos*, São Paulo, v. 29, n. 147, p. 112-123, 2023.

¹⁰ Cf. ROSS, Allen P. *A Commentary on the Psalms*, 2012, p. 6.

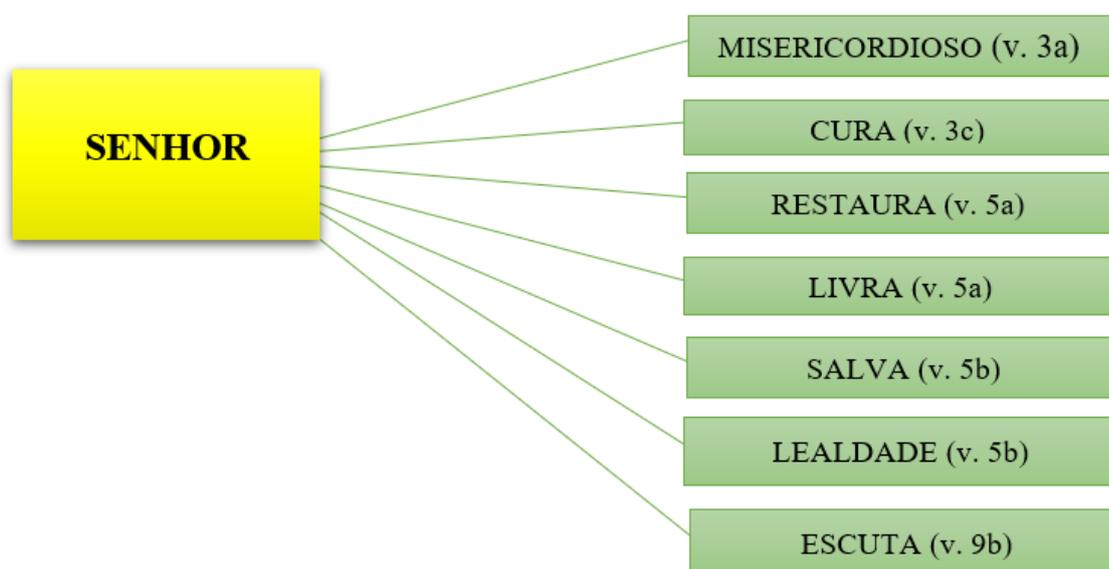
ou seja, “eles”; assim, há uma crescente na colocação dos pronomes, deixando para o ouvinte/leitor a impressão de que a dor que o habita, em seguida, cabe Deus (tu), e, inclusive, os malfeitores (eles). Por vezes, o ego de quem reza ou canta oscila, mas continua a demarcar de quem é a súplica! No entanto, como entender esse pequeno contraste? Decerto, valerá a pena deixar a estrutura seguinte, continuar a falar. Se grande é a dor do poeta, então sua prece não poderá se encerrar por aqui. Oxalá seja essa dor, até então, cantada e/ou rezada, a modo de lamento, transformada em culto de agradecimento.

NÃO HÁ VIDA NA MORTE (VV. 5A-8B)

Muito provável que nos versículos 5a-8b o leitor ou ouvinte se depare, primeiro com uma ordem: “Senhor, restaura”! (v. 5a). Mais uma vez, o Senhor ocupa a centralidade do pedido. Em seguida, surgem três certezas – temática apresentada na estrofe posterior. Dessa vez, o orante pedirá, de modo imperativo, novamente ao Senhor que “restaure” e “livre” sua “alma” (v. 5a). Mais intenso do que esse ordenamento feito pelo penitente é a razão que o fá-lo lamentar. Ou seja, a ordem aqui se dá “por causa da lealdade do Senhor” (v. 5b).

Vale ressaltar que também aqui ocorre uma regularidade estilística precisa e simétrica. Conforme já observado, o nome do Senhor aparece por oito vezes em todo o poema lírico. E a novidade aqui apresentada está no fato de perceber que, por sete vezes, quem aqui canta e/ou reza intitula o Senhor com variados predicamentais, conforme mostra a Figura 5.

Figura 5 – Variados predicamentais do Senhor



Fonte: elaborada pelo autor.

Portanto, o nome do Senhor citado por oito vezes ultrapassa o limite da perfeição, mas os

predicamentos atribuídos a Ele encontram-se na medida perfeita. O estado febril (vv. 7b-c), chamemo-lo assim, ou a infecção sofrida, por isso, seu aparente cansaço (v. 7a), fazendo-o dissolver-se em pranto (v. 7b), prejudicou seus olhos (v. 8a) e, inclusive, sua reputação moral (v. 8b), uma vez que lhe falta nitidez ante os agressores (v. 8b) para vê-los e, portanto, olhá-los. Além do mais, o primeiro inimigo a ser citado nos versículos 2a-4b, ao que parece, é a doença física, mas em 5a-8b é a morte, de modo que em 9a-11b serão os malfeitores ou inimigos.

Após predicamentar, simetricamente, o Senhor, o orante em meio à desolação e à decadência em 6a-b destaca o vale da morte: “porque na morte não existe memória de ti! Quem te agradecerá no mundo inferior?”. Mais uma vez, o uso de imagens choca o ouvinte/leitor, pois “silêncio divino” se mistura com “estado cadavérico” para explicar o “desapego do Senhor com relação ao *Xeol*” e a típica imagem do “inferno”¹¹, cuja causa é a doença. O doente sabe que, de um lado, somente a morte seria o veredicto definitivo para seu problema, e, de outro, compreende que desde a infância aprendera acerca de um Deus que “não tem prazer na morte de um ímpio, mas quer que ele desista de sua conduta e viva” (Ez 18,23). Certamente o orante, nesse caso, somente confirma o já existente no saltério: “Clamo a ti, Senhor, todo dia; para ti estendo a palma de minhas mãos. Acaso farás um milagre para os mortos? Ou se erguerão defuntos e te agradecerão? Acaso tua lealdade será enumerada no túmulo e tua verdade onde se perece? Acaso teu milagre será conhecido nas trevas e tua justiça na terra do esquecimento?” (Sl 88, 11-12).

Em v. 8a diz-se que: “Meu olho se consumiu de aborrecimento”. Semelhantemente, em Salmo 31,10 canta-se: “Meu olho, minha alma e meu ventre se consumiram no aborrecimento”. Aqui existe uma “hipérbole” (RAVASI, 1984, p. 13): ao cantar e/ou ao rezar sua dor, o crente vê-se mergulhado em um oceano de angústia. O “olho” consumido de “aborrecimento” e enfraquecido ante seus “agressores” só revela seu estado de “debilidade” (SIQUEIRA, 2020, p. 68). Pois o olho¹² é uma “boa medida para perceber a saúde integral e a estabilidade da pessoa”; se foi enfraquecido, deve ter sido sinônimo de “envelhecimento sob coação” (ROSS, 2012, p. 9).

De repente, aquele que se viu na cova da morte levanta a voz, ao confiar no Senhor e na atuação dEle como único e legítimo curador (Ex 15,26); lento para a ira e rico em misericórdia e fidelidade (Ex 34,6) e fiel à aliança (Dt 7,9). Ao que parece, todo o ser do salmista está em decadência. Observemos: primeiro houve o “desfalecimento do eu” (v. 3b), em seguida, “o apavoramento dos ossos” (v. 3d) e “da alma” (v. 4a), para, enfim, chegar ao esgotamento dos “olhos” (v. 8a). Certamente os sofrimentos físicos, nesses casos, tornam-se indicadores de “um outro sofrimento muito mais profundo”. Entretanto, o poeta ciente de que “a ira divina se mantém apenas por um instante, mas em seu favor por uma vida inteira” (Sl 30,6a-b), previu o fim do seu lamento e dor. Engravidou-se de esperança e, ao tomar posse da verdade de que “à tarde pernoita o choro, mas de manhã há jubilo” (Sl 30,6c-d), é visitado por uma esperança, pela qual lhe resta salmodiar em tom de certeza, agradecimento e confiança. Encoraja-se e brada: “afastai-vos de mim, malfeitores todos” (v. 9a); porque “o Senhor escutou o som de meu choro” (v. 9b); “o Senhor escutou minha súplica” (v. 10a);

¹¹ Cf. RAVASI, Gianfranco. *Il libro dei Salmi*, 1984, p. 10.

¹² Seja lembrada a sabedoria popular, que contribui e, muito, para o avanço dos estudos sapienciais. Seguem alguns ditos: “Em terra de cego, quem tem um olho é rei”; “O que os olhos não veem, o coração não sente”; “Come-se com os olhos”; “Tem-se olhos maior que a barriga”.

“o Senhor aceitou minha oração” (v. 10b).

NÃO AOS MALFEITORES (VV. 9A-11C)

Com isso, chegamos à terceira e última estrofe desse poema lírico. Aqui entra em cena os “malfeitores” (הפושעים) (v. 9a) e o grito lançado será sobre eles. Ao que parece, foi graças à presença dos “malfeitores” (הפושעים) que o doente chegou à ruína e, conseqüentemente, ao fracasso. No entanto, quem seriam esses malfeitores? Gianfranco Ravasi (1984, p. 5) os chama por “trabalhadores da vaidade”, e de fato, eles reaparecem ao longo do saltério inúmeras vezes. Sobre os malfeitores, ora é dito que eles “nada sabem” e “nada conhecem”, por isso “caem e não conseguem se erguer”, jamais devem ser “invejados”, são “perversos nas ações e têm coração e palavra más” (Sl 14,4; 36,13; 37,1; 53,4; 141,4); até a “reunião deles é odiada”, em suas festas eles “babam, falam de forma insolente e se exprimem” (Sl 26,5; 94,4). A prece do homem bom e justo visa sempre a que não seja “arrastado por perversos e malfeitores”, esteja “livre deles”, “escondido de sua inquietação”, ainda que eles “floresçam e todos brotem”, “devem ser eliminados todos da cidade do Senhor” e “afastados do justo” (Sl 28,3; 59,3; 64,3; 92,8; 101,8; 119,115). De igual modo, compete ao Senhor “expulsar junto com os malfeitores, os que vacilam em suas tortuosidades” (Sl 125,5). Ou seja, por 14 vezes, com exceção do Salmo 6, a literatura presente no livro de Salmos apresenta o vocábulo “malfeitores”¹³ (הפושעים).

De um lado, imagina-se que o Senhor usou os “malfeitores” (הפושעים) a fim de que eles pudessem ser alertas à conduta do orante doente e pecador. No entanto, os “malfeitores” (הפושעים) (v. 9a), que são também “os inimigos” (האויבים) (v. 11a), agiram por conta própria. Certamente, tal prática levou o Senhor a “escutar o som do choro do orante” (v. 9b), “escutar a súplica dele” (v. 10a) e “aceitar a oração deste último” (v. 10b); portanto, terão como fim uma “rápida destruição” (ROSS, 2012, p. 10). De outro lado, a certeza de ser ouvido, graças à oração dele, tornou-se trampolim para delimitar e compreender o sofrimento. Percebe-se também que o orante que reza e/ou canta esse hino finaliza-o com um “paralelismo simétrico”, chamado por Klaus Seybold (2007, p. 88) de “quase perfeito”, caso não aparecesse a partícula “kī” (קי) no versículo 9b. A simetria ocorreria conforme indicado na Figura 6.

Figura 6 – Indicação da simetria que ocorreria, caso não aparecesse a partícula “kī”.

(v. 9b) O SENHOR escutou o som de meu choro;	שמע יהוה את קול בכי
(v. 10a) O SENHOR escutou minha súplica;	ה' שומע את תחנוני
(v. 10b) O SENHOR aceitou minha oração;	ה' קיבל את תפילתי

Fonte: elaborada pelo autor.

¹³ A palavra “malfeitores” (הפושעים) e/ou malvados, no sentido de injusto ou iníquo, aparece também em diversas outras citações do cânon bíblico. Cf. 1Sm 24,13; 2Sm 3,39; Jó 8,20; 34,8; Pr 21,15; Is 1,4; 31,2; Jr 23,14; Os 10,9; Ml 3,15; Mt 5,45; 7,23; Lc 13,27; 16,10; 18,11; At 24,15; Rm 13,1-4; 1Cor 6,1; 2Cor 11,13; Fl 3,2; 1Pd 2,12; 3,18; 4,15; 2Pd 2,9.

Portanto, as três certezas formam um paralelo simétrico. Decerto, não fossem as “lamentações e os silêncios” a afetarem a “estrutura equilibrada” (SEYBOLD, 2007, p. 88) do cântico poético em questão, o Salmo 6 teria mais possibilidade de expressar vigor poético e charme literário. Literariamente, percebe-se que a dor cantada cedeu espaço à “certeza do cumprimento” (RAVASI, 1984, p. 14). De igual modo, o orante sabe, a essa altura dos acontecimentos, que nada mais é privado, nem seu anterior lamento, tampouco sua prece de agradecimento. O fato de estar na presença do Senhor, que é Deus de Israel, a individualidade abre-se ao coletivo, e isso se dá pelo fato de o Senhor ser o “Deus da aliança” (BORTOLINI, 2000, p. 40).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Salmo 6 é poema lírico e dialoga com a humanidade que sofre e padece! Cunhado na esteira da história como lamento de caráter individual, dilatou-se, ao chegar no átrio do Santuário, tornando-se uma prece mais que pessoal, ganhou o vislumbre de coletivo. Afinal, o lamento de quem nele canta ou ora se assemelha ao choro e à lágrima do ser humano atual. Ao que parece, com seus três versos ou estrofes (v. 2a-4b) / (v. 5a-8b) / (v. 9a-11c) fotografa a dor de quem se sente doente e à beira do abismo. Esse cântico se desenvolve, também do ponto de vista gramatical, e trabalha a evolução de pronomes: “porque eu estou desfalecido” (כי התעלפתי) (v. 3b), “e tu, Senhor, até quando?” (ואתה יהוה) (v. 4b) e “afastai-vos de mim, malfeitores todos” (הרחק ממני כל עושי הרשע) (v. 9a). Quer dizer, uma simetria coesa ao perceber uma crescente entre: “eu”, “tu” e “eles”.

Além do mais, há um crescente no que toca o processo de desfalecimento pessoal. Isto é, primeiros “ossos se apavoram” (עצמות משתגעות) (v. 3d), em seguida, “alma se apavora” (הנשמה מבועתה), e, somente por fim, o “olho se consumiu de aborrecimento” (עין אכולה ברוגז) (v. 8a). Vale assinalar que os ossos apontam para a segurança física da pessoa; a alma, pensada como processo de respiração, dá ritmo ao ritmo da vida que inspira e respira; e, por fim, o olho aponta para o equilíbrio de todo o corpo.

Para alguns, esse poema não passa de uma “súplica simples”, acompanhado de um “estilo modesto” (RAVASI, 1984, p. 3), já outros são levados a questionar seu “caráter penitencial” (ROSS, 2012, p. 2-3). No entanto, o Salmo 6 continua vivo, aberto e apresenta dinamicidade. Que ele seja levado em conta, quer em na liturgia cristã, quer em ciclos reflexivos teológicos ou devocionais.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA – Salmos: Edição comentada. São Paulo: Paulinas, 2017.

BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. **A poética hebraica e os Salmos**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BORTOLINI, José. **Conhecer e rezar os Salmos**. São Paulo: Paulus, 2000.

DANTAS, José Ancelmo Santos; SANTOS, Rafael Rocha dos. O pecado de Davi. Um estudo bíblico de (Sl 51). **Revista Reflexus, Vitória, v. 17, n. 1, p. 235-247, 2023.**

DANTAS, José Ancelmo Santos. Criação, migração e injustiça – Um ensaio ecoteológico e literário de (Sl 42-43). **Estudos Bíblicos, São Paulo, v. 29, n. 147, p. 112-123, 2023.**

DELLAZARI, Romano. Iahweh, todo meu ser estremece! Pecado como agente de desintegração das relações nos salmos penitenciais. **Teocomunicação, Porto Alegre, v. 36, n. 151, p. 113-177, mar. 2006.**

ESTUDO de Salmos 6:2 – Comentado e Explicado. **Versículos Comentados, 13 mar. 2020.** Disponível em: <https://versiculoscomentados.com.br/index.php/estudo-de-salmos-6-2-comentado-e-explicado/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GRENZER, Matthias. Ação inversora do destino dos pobres. Um estudo do Salmo 113. **Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 36, p. 441-452, set./dez. 2010.**

GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. Árvores nos Salmos: elementos para uma educação espiritual e ambiental. **Encontros Teológicos, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 439-456, maio/ago. 2021.**

GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. Pássaros nos Salmos: elementos para uma ecoespiritualidade. **Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 82, n. 321, p. 115-129, 2022.**

GRENZER, Matthias; DANTAS, José Ancelmo Santos; BARROS, Paulo Freitas. A Bondade de Deus no templo e na natureza: as dimensões socioambientais no Salmo 65. **Encontros Teológicos, Florianópolis, v. 38, n. 1, p. 171-196, 2023.**

GRENZER, Matthias; RAMOS, Marivan Soares. Águas nos Salmos: elementos para uma ecoespiritualidade. **Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 80, n. 317, p. 750-763, 2020.**

RAVASI, Gianfranco. **Il libro dei Salmi: Commento e attualizzazione.** Roma: EDB, 1984.

ROSS, Allen P. **A Commentary on the Psalms.** Grand Rapids: Kregel Academic & Professional, 2012.

SEYBOLD, Klaus. **Poetica dei salmi.** São Paulo: Paideia, 2007.

SIQUEIRA, Tércio Machado. **Salmos I – Comentário Bíblico Latino-Americano – Antigo Testamento.** São Paulo: Fonte Editorial, 2020.

WEISER, Artur. **Os Salmos: Grande comentário bíblico.** São Paulo: Paulus, 1997.

WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2008.